

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME I*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

## UMA LÁPIDE ROMANA DO MONTE DO FARROBO — RIO DE MOINHOS

### A) — PREÂMBULO.

Por iniciativa dum particular, o Sr. João Francisco do Rosário, mineiro nas Minas de Aljustrel, tive conhecimento que fora achada uma pedra com letras, algumas «panelas» e ossos no Monte do Farrobo, propriedade do Sr. António Brito L. Costa, de Rio de Moinhos.

Ao visitar este último senhor pude observar a pedra e verificar tratar-se duma lápide com inscrição funerária em belos caracteres romanos quase toda decifrável à primeira leitura. Fui ver imediatamente o local onde ela fora desenterrada e onde tinham aparecido algumas sepulturas. Pude recolher, em virtude da amabilidade e compreensão do Sr. António Costa, a lápide e ainda duas vasilhas que tinham sido extraídas de sepulturas com muita cinza. Imaginei portanto que se tratava dum cemitério romano, de características semelhantes ao de Valdoca (1), completamente explorado. Iniciei já, em colaboração com Veiga Ferreira e P.<sup>o</sup> Serralheiro, a exploração do referido cemitério que confirmou inteiramente a hipótese atrás referida. Far-se-á oportunamente o competente estudo.

### B) — LOCALIZAÇÃO DO ACHADO. TOPOGRAFIA E GEOLOGIA.

Esta lápide foi descoberta na Herdade do Farrobo, a uns 6 km. a norte de Rio de Moinhos, concelho de Aljustrel, distrito de Beja.

(1) Ruy Freire de Andrade, Octávio da Veiga Ferreira e Abel Viana, «Necrópole céltico-romana de Aljustrel», in *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. XXIII Congresso Luso-Espanhol celebrado na cidade de Coimbra de 1 a 5 de Junho de 1956. Tomo VIII, 7.<sup>a</sup> Secção-Ciências Históricas e Filológicas*, Coimbra 1956, pp. 193-202.

De Rio de Moinhos segue-se pelo caminho do Monte Grande, voltando-se logo a seguir à direita, continuando depois sempre pela altura. O local onde se encontrava esta lápide fica junto à extrema Este da propriedade.

A Herdade do Farrobo fica situada na peneplanície do Baixo Alentejo, na parte abrangida pelos terrenos terciários do vale do Sado.

Estamos, pois numa região de relevo pouco acidentado, com frequentes «mesas» (relevo residual) geralmente cobertas por cascalheiras. As rochas são brandas (argilas, cascalheiras, calcários argilosos, etc...)

O local do cemitério, e portanto o sítio onde foi achada a lápide, encontra-se numa zona onde afloram argilas com nódulos calcários do Oligocénico. Muito perto (a uns 500 m.) aflora o *substractum* primário constituído por xistos, grauvaques e pórfiros.

c) DESCRIÇÃO DA LÁPIDE. MATERIAL, FORMA E DIMENSÕES. ESTADO DE CONSERVAÇÃO.

Trata-se duma pedra de calcário sacaroide, provavelmente de Extremoz, de forma aproximadamente quadrada de perto de 62 cm. de lado (figura). A espessura média é de 4,0 — 4,5 cm.

Foi aparelhada numa das faces ficando a outra bastante irregular. Na face aparelhada gravaram uma moldura de limites bem definidos e unidos por uma superfície curva. A superfície interior foi polida para receber em seguida as letras da inscrição.

As superfícies que definem a espessura da pedra foram endireitadas. Na parte superior existem 2 furos, abertos perpendicularmente à face superior, distanciados para a esquerda e para a direita do centro da referida face de, respectivamente, 10,7 cm. e 14,7 cm. Estes furos têm 8 mm. de diâmetro e uma profundidade de perto de 3 cm.

A pedra encontra-se bem conservada e apenas um pouco deteriorada em toda a sua parte direita e bastante apagada inferiormente.

D) — INSCRIÇÃO. SUA LEITURA.

A inscrição acha-se distribuída por nove linhas. Entram na sua composição 16 letras diferentes, uma associação de duas letras e dois tipos de sinais separatorios.

A inscrição é a seguinte:

*M(arco) • Valerio / Rufo • viro / M(arco) • Valerio / Marcello ( • )  
F(ilio) / M(arco) • Valerio / Marcello Nep(oti) / Agria Rufina /  
F(aciendum) C(uravit) / H(ic) ( • ) S(iti) ( • ) S(unt) ( • ) £(//) ( • )  
V(obis) ( • ) T(erra) ( • ) L(evis)*

sendo a sua tradução como segue:

«Agria Rufina fez por sua iniciativa (este monumento) a seu marido Marco Valério Rufo, a seu filho, Marco Valério Marcello, a seu neto Marco Valério Marcello. Aqui estão sepultados. Que a Terra vos seja leve».

E) — DESCRIÇÃO PORMENORIZADA. FORMA DAS LETRAS.

Segue-se a análise da inscrição, linha por linha. Até à 6.<sup>a</sup> linha, inclusivé, distinguem-se duas rectas (pauta) que o gravador traçou para alinhar e definir as letras de cada linha. Na estampa, em luz rasante, verifica-se que todas as linhas foram assim definidas.

O centro dos sinais separatorios triangulares está aproximadamente ao nível dos traços horizontais dos *AA* e dos *EE*, ou seja, ao meio.

### 1.<sup>a</sup> linha:

M \* VALERIO

A inscrição está perfeita até ao *A* e um pouco apagada depois. O sinal separatorio é uma folha de hera (hedera distinguente) voltada para baixo. Na figura estão representadas as letras até ao *E*. Altura das letras: 5,0cm.

### 2.<sup>a</sup> linha:

RVFO \* VIRO

Está perfeita até ao primeiro *O*. O sinal separatorio é um triângulo de lados côncavos com um dos vértices a apontar para baixo. Na figura estão representadas as letras *F* e *O*. Altura das letras: 4,3 cm.

3. <sup>a</sup> *linha:*

M \* VALERIO

Está perfeita até ao **L**. O sinal separatorio é um triângulo de lados côncavos com um dos vértices a apontar para cima. A letra **I** foi esquecida pelo gravador e teve que ser depois encaixada entre o **R** e o **O**. Altura das letras: 4,0cm. O sinal separatorio está indicado na figura.

4. <sup>a</sup> *linha:*

MARCELLO (\*) F

Está perfeita até ao **C**. Não é certa a existência do sinal separatorio pois existe um buraco acidental entre as duas palavras. Nota-se aqui uma imperfeição do trabalho do lapidário. A letra **C** foi provavelmente começada debaixo para cima, mas com um raio grande de mais, o que obrigou o artista a fechá-la demasiadamente, com o resultado que se pode ver no primeiro **C** da figura, que se deve comparar com o seguinte. Altura das letras: 4,0cm. O **R** está indicado na figura.

5.<sup>a</sup> *linha:*

M \* VALERIO

Está perfeita até ao **E**. O sinal separatorio é um triângulo de lados côncavos com um dos vértices a apontar para cima. A letra **I** está suficientemente clara para ser representada na figura. Altura das letras: 4,0cm.

6.<sup>a</sup> *linha:*

MARCELLO NEP

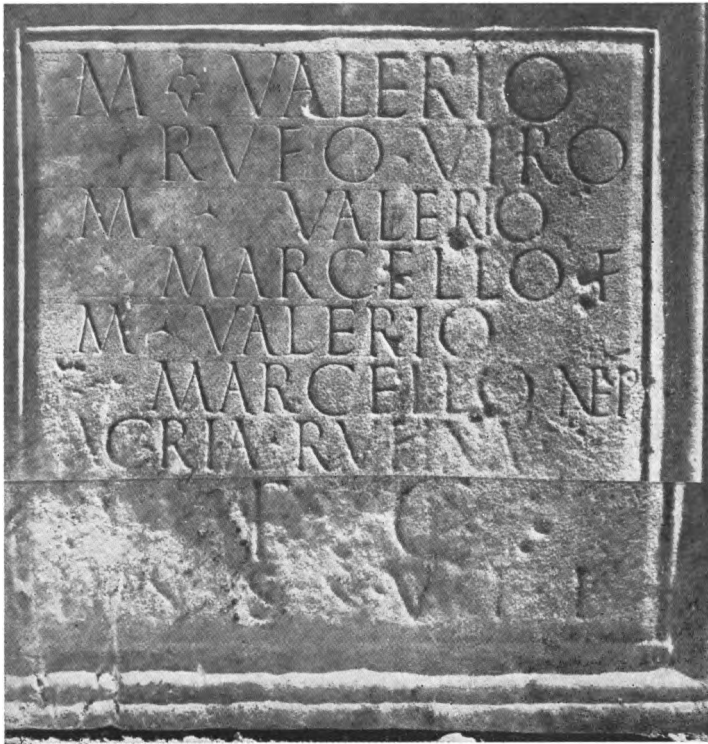
Está perfeita na parte superior das letras até ao **C**. Não parece haver sinal separatorio entre as duas palavras. Temos uma associação das duas letras **N** e **E** na segunda palavra. A falta de espaço obrigou o artista a recorrer a este meio e a gravar o **P** bastante esguio. Note-se o **C** com a forma normal (compare-se com a 4.<sup>a</sup> linha) mas pouco



1

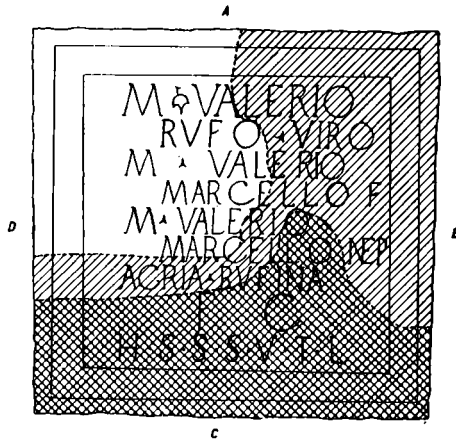


2



3

- 1 — Lápide — Vista frontal.  
2 — Lápide — Vista de cima, mostrando os furos.  
3 — Pormenor da inscrição. Note-se a pauta e o erro na gravação do / na 3.<sup>a</sup> linha.



REPRESENTAÇÃO DA LÁPIDE E DAS SUAS LETRAS MAIS PERFEITAS

*A branco* — zona bem conservada; *tracejado* — zona um pouco alterada;  
*quadriculado* — zona muito alterada.

Dimensões (em cm.):

Lado	Da pedra	Da moldura (externa).	Da moldura (interna).
A	64,0	58,5	48,5
B	62,0	56,8	47,6
C	63,0	58,5	48,8
D	61,6	56,8	47,8

maior que as restantes letras. As letras da última palavra, apesar de não estarem perfeitas, puderam ainda ser copiadas em pormenor (figura).  
Altura das letras: 4,0cm.

7. <sup>a</sup> *linha*:

AGRIA \* RVFINA

Um pouco apagada até ao Fe muito em seguida. O sinal separatorio é um triângulo de lados côncavos com um dos vértices a apontar para cima. Altura das letras: 4,0cm.

8. <sup>a</sup> *linha*:

F C

Muito apagada. Não parece haver sinal separatorio. Altura aproximada das letras: 6,0cm.

9. <sup>a</sup> *linha*:

H ( \* ) S ( \* ) S ( \* ) S ( \* ) V ( \* ) T ( \* ) L

Muito apagada. Notam-se vestígios de sinais separatorios, principalmente entre os primeiros dois **SS**, entre o **Se o Ve** entre o **Te o L**.  
Altura aproximada das letras: 4,0cm.

F) — CONCLUSÕES.

O acaso permitiu a descoberta de um belo monumento epigráfico romano. Temos, pois, em estudo mais um elemento para o conhecimento da vida e colonização romanas no Baixo Alentejo. O tipo das letras permite situar a inscrição no século i d. C. (1).

Deve notar-se que o traço dos **AA** está colocado no meio, bem como o dos **EE**; as pernas dos **MM** são divergentes. No entanto, apesar de as barras dos **EE** serem todas paralelas, o mesmo já não acontece com a pequena barra do **F** que levanta na ponta.

(1) René Cagnat, *Cours d'Épigraphie Latine*, quatrième édition, Paris 1914.



São tipicamente romanos os nomes de todos os indivíduos mencionados nesta inscrição, sem se notar qualquer influência ibérica; não existem nas lápides do Museu de Beja (1).

Não se encontrando este cemitério perto de quaisquer ruínas importantes de povoação, fui levado a concluir que a lápide se refere a pessoas habitantes duma *villa*, romanos que vieram da longínqua terra natal numa altura em que a paz e segurança já reinava na Península.

Aljustrel, 14 de Janeiro de 1960.

Rui FREIRE D'ANDRADE

(1) Abel Viana, *Museu Regional de Beja. Secção lapidar* (Separata de *Arquivo de Beja, II*). Beja, 1946.